

AUTOCONHECIMENTO COMO PONTO DE PARTIDA: ENSINO DE INGLÊS E FORMAÇÃO DE CONSCIÊNCIA CRÍTICA

Nicole Mariana dos Santos ¹
Iara Clara Almeida ²
Augusto Eremita Cordeiro ³
Rafaela Marques da Rocha ⁴
Cynthia Pichini ⁵

RESUMO

O projeto elaborado no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), objetiva aplicar um método ativo para reconhecer os estilos de aprendizagem dos estudantes do 3º ano da E.E. Paulo Rolim Rosa, em Cidade Tiradentes. A partir de uma análise preliminar, foi observado que os discentes apresentavam dificuldades voltadas à autoestima acadêmica, ansiedade e motivação nos estudos perante os obstáculos do ensino médio e a proximidade com o mercado de trabalho. Diante dessa conjuntura, foi realizada uma proposta em formato de questionário alicerçada na Programação Neurolinguística (daqui para frente PNL), do qual identifica os estilos de aprendizagem — visual, auditivo, e cinestésico. O questionário, ademais, foi traduzido para a língua inglesa, proporcionando uma abordagem lúdica e significativa, dedicada ao ensino de uma língua estrangeira. A metodologia adotada baseia-se nos princípios de reflexão crítica de Paulo Freire, além da proposta construtivista de Vygotsky e nos valores de autonomia expressos por Maria Montessori. Os resultados demonstraram que a personalização do estudo pode ser de grande ajuda quando o intuito é atrair e manter o foco dos alunos. Outrossim, a dinâmica proporciona uma aprendizagem relevante, o que amplia as possibilidades de fixação do conteúdo. Ademais, a prática evidenciou o respeito à pluralidade cognitiva e às formas de ensino mais apropriadas para cada um dos perfis, mesmo diante das adversidades enfrentadas no ensino público. A experiência, portanto, ressalta a importância de ilustrar e evidenciar as formas de ensino adequadas às circunstâncias particulares de cada indivíduo, além de apresentar materiais de apoio, como filmes, imagens, exercícios interativos, debates e estratégias de memorização. Dessa forma, a transformação das técnicas de ensino e do ambiente conduzirá a um campo mais justo, motivador e participativo, no qual os alunos são ativos na construção de conhecimento.

Palavras-chave: Autoestima, Autonomia, Programação Neurolinguística, Língua Estrangeira, Reflexão.

¹ Graduando PIBIDiano do Curso de Letras da USJT - SP, wupsmteachernick@gmail.com;

² Graduando PIBIDiano do Curso de Pedagogia da USJT - SP, iaaraclaradealmeida@gmail.com

³ Graduando PIBIDiano do Curso de Letras da USJT - SP, augustoeremita@gmail.com;

⁴ Graduando PIBIDiano do Curso de Letras da USJT - SP, rafaela.13.mr@gmail.com;

⁵ Professor orientador: Cynthia Pichini, USJT - SP, prof.cynthia@ustj.br



INTRODUÇÃO

Atualmente, os desafios educacionais e sociais enfrentados por alunos do ensino médio em redes de escolas públicas têm sido um grande obstáculo para avanços significativos no processo de aprendizagem. Nesse período da vida, os estudantes passam por transformações relacionadas à personalidade e ao desenvolvimento do pensamento crítico, o que pode gerar conflitos entre suas expectativas, os estudos e o futuro. A escola, enquanto espaço de formação e construção de conhecimento, muitas vezes desperta inseguranças desde cedo, contribuindo para a criação de barreiras na aprendizagem.

Diante disso, o espaço educativo deve buscar estratégias que facilitem a construção do saber, utilizando metodologias significativas e que dialoguem com a realidade dos discentes. Nessa perspectiva, é fundamental considerar os apontamentos de Paulo Freire (1987), que defende uma educação libertadora, dialógica e centrada no sujeito, capaz de promover consciência crítica. A resolução da questão demanda uma análise e intervenção que contemplem suas raízes estruturais, modificando-as desde sua origem educacional. Neste contexto, o presente artigo tem como propósito relatar e analisar uma prática pedagógica voltada ao autoconhecimento dos estudantes, desenvolvida por meio de uma atividade em língua inglesa. A proposta visou provocar reflexões e incentivar a elaboração de perguntas relacionadas à percepção de si, explorando conflitos cotidianos em uma turma de ensino médio em uma escola estadual na zona leste de São Paulo. A experiência contou com apoio visual, rodas de conversa e aplicação de um questionário, que foi analisado com o intuito de compreender o perfil dos participantes.

Além desta introdução, o artigo está organizado em mais quatro seções. A seguir será abordada a metodologia, com os procedimentos utilizados para a elaboração da atividade proposta. Na segunda seção, será apresentado o referencial teórico que fundamenta o estudo; na terceira, os resultados e discussões da atividade; e, por fim, as referências utilizadas na construção do artigo.

METODOLOGIA





Este estudo se caracteriza como uma pesquisa-ação de natureza qualitativa, voltada à compreensão profunda dos fenômenos sociais e educacionais. De acordo com Marconi e Lakatos (2003), tal abordagem permite investigar realidades complexas e propor intervenções que contribuam para a transformação social. Tal abordagem se torna adequada ao cotidiano dos alunos, pois permite investigar a realidade educacional brasileira com foco em colégios públicos, além de intervir ativamente no contexto em que estão inseridos. Conforme Thiollent (2011), essa forma de pesquisa envolve participação ativa dos envolvidos, buscando o teor primordial do projeto, compreender e transformar a realidade da educação. A devida proposta foi escolhida, pois viabiliza a reflexão crítica do “eu” no mundo, alinhando-se à Educação Problematicadora analisada por Paulo Freire, que afirma: “A educação verdadeira é práxis, reflexão e ação do homem sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 1987, p. 78).

A presente intervenção foi desenvolvida sob a égide do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), em parceria com o Colégio Estadual Paulo Rolim Rosa, localizado na Cidade Tiradentes. O público-alvo foi composto por 30 alunos do 3º ano do ensino médio, com faixa etária compreendida entre 16 e 18 anos. O perfil dos estudantes é composto majoritariamente por jovens periféricos que demonstram um engajamento contínuo apesar das para conquistar melhores oportunidades, já que se trata de uma das melhores escolas públicas da região, reconhecida por seus projetos singulares e propostas que se destacam em relação às de outras escolas públicas, o que torna seu processo de seleção altamente concorrido. Ademais, a aplicação da atividade ocorreu no dia 20 de maio de 2025 com a duração aproximada de 50 minutos.

O ambiente em que se insere tal atividade é marcado por desafios educacionais e sociais. Os alunos enfrentam, entre outras dificuldades, altos níveis de ansiedade, especialmente considerando que estão, na conjuntura atual, prestes a terminar o ensino médio e começar uma carreira. Isso gera insegurança quanto ao futuro, além de baixa autoestima e desmotivação, em razão do contexto social vivenciado. Muitos têm consciência de que seus concorrentes podem estar mais preparados para disputar melhores vagas, apesar de seus valiosos esforços. Perante isso, tornou-se imprescindível pensar em uma atividade pedagógica marcante em que os alunos são os sujeitos principais de suas próprias histórias e ativos na construção do conhecimento e renovação de suas personalidades e realidades.

Essa estratégia foi selecionada devido ao envolvimento real e interpessoal de um dos participantes no projeto e no processo educativo: uma PIBIDiana, em colaboração com a professora de inglês da escola, Angela Paula Veras. As aulas ocorreram em períodos em que





os alunos não utilizavam a plataforma Speak, recurso recente do governo que, embora tenha o objetivo de auxiliar e desenvolver o processo de aprendizagem da língua inglesa por meio de práticas mais modernas e atrativas, apresenta limitações frente à personalização dos vies pedagógicos.

Nesse contexto, destaca-se que a aplicação metodológica foi realizada por meio de forte articulação com a comunidade escolar abordada, havendo, pois, a identificação de problemas e o planejamento de ações concretas. Em conformidade com Thiollent (1986), a pesquisa-ação trabalhada tem o intuito de resolver problemas presentes com o auxílio do colaborador e dos participantes, impulsionando verdadeiras mudanças no meio.

A metodologia foi estruturada em cinco pilares: o planejamento colaborativo, o desenvolvimento da atividade, a sistematização e construção coletiva de saberes e a avaliação formativa e dialógica. Tais elementos estão interligados e direcionados por meio do diálogo com os alunos e de forma ativa, respaldados nos princípios freirianos (FREIRE, 1996; 1987).

Por meio de uma conversa com os alunos no dia 6 de maio de 2025, foram levantados assuntos que os alunos estão com dificuldade em lidar no cotidiano, sobretudo no momento em que se encontram. Foi utilizado, nesse quesito, o diálogo para nortear temas geradores, consoante com Paulo Freire na obra *A Pedagogia do Oprimido* (1987).

Dentre os principais temas mencionados pelos alunos estavam a “Ansiedade do futuro pós-escola”, “Como aprender?”, “Como ter domínio próprio?” e “Amizades e relacionamentos”.

a) Planejamento Colaborativo

Posteriormente, houve dois dias de debates em turma, os alunos discutiram os temas geradores apresentados e dentre eles, uma atividade se destacou pelo intuito principal de trazer a atenção dos alunos ao autoconhecimento para que, dessa maneira, entendessem que o melhor modo de aprendizagem habitava em seus próprios contextos sociais.

Para a construção de tal atividade, foram pesquisadas práticas que interessassem aos alunos e que tivessem um caráter crítico em que eles pudessem analisar suas próprias circunstâncias e agir a favor de mudanças dentro delas.

b) Desenvolvimento da atividade

A atividade foi desenvolvida por meio de um questionário estruturado, composto por perguntas fechadas, elaborado com base na PNL, conforme os estudos de Bandler e Grinder nas obras *Sapos em Príncipes* (1979) e *Usando Sua Mente* (1985). O questionário visava



identificar o estilo de aprendizagem predominante de cada estudante — visual, auditivo ou cinestésico — conforme os sistemas representacionais apresentados pelos autores. Segundo Marconi e Lakatos (2003), esse instrumento concede maior objetividade e análise de padrões nos dados coletados. A partir disso, o questionário foi traduzido para a língua inglesa, proporcionando o contato com a língua de uma forma lúdica e com o uso de um tema de interesse dos alunos. Isso ocorre devido ao princípio de personalização de ensino defendido por Rivers (1973), onde o aluno aprende genuinamente quando lhe é atribuído temas que possuem um propósito e um sentido bem definido.

Com isso, foram elaboradas apresentações visuais contendo as perguntas e as respectivas alternativas por meio da plataforma Canva. Posteriormente, materiais explicativos, com o objetivo de apresentar as características de pessoas visuais, auditivas e cinestésicas, bem como orientar sobre de que forma essas preferências podem favorecer o desenvolvimento pessoal e contribuir com estratégias de estudo mais eficientes.

c) Sistematização e Construção Coletiva de Saberes

Por meio dos resultados obtidos após a aplicação do questionário estruturado indicando, por meio de alternativas, estilos de aprendizagem intrínsecos em cada estudante. A partir da roda de conversa, os alunos construíram coletivamente compreensões que são características de suas personalidades e de suas vivências, promovendo assim, um ambiente de diálogo horizontal e cooperativo. Os alunos, portanto, promoveram discussões identificando características uns nos outros, constatando traços notórios em seus colegas e como seus perfis se relacionam integralmente.

Figura 1 - Roda de conversa entre alunos e bolsistas



Fonte: SANTOS, 2025





O debate foi mútuo e marcado pela escuta ativa e curiosidade. Unidos, os alunos refletiram sobre as estratégias de ensino que são mais eficazes em cada caso e perceberam que, ao se alinharem com materiais e maneiras de ensino que se relacionam com seus perfis, não apenas o rendimento aumentou em sala de aula, bem como o assunto em pauta se tornou mais relevante e eles, dessa forma, retiveram o conteúdo por mais tempo, tornando uma aprendizagem significativa. Em consonância com tal tese, Ausubel (2003) enfatiza que a aprendizagem eficaz é feita tão logo o conhecimento novo seja concernente a certas estruturas cognitivas já existentes.

d) Avaliação Formativa e Dialógica

A avaliação não teve um teor punitivo ou regulatório, mas foi conduzida de maneira formativa e dialógica em harmonia com os princípios freirianos, que compreendem a atividade avaliativa como um momento de escuta, respeito e considerações. Logo, em substituição à aplicação de provas ou atribuição de notas, foi preferível certa abordagem reflexiva, na qual os alunos, autônomos e ativos no próprio saber, puderam avaliar como aprendem e como podem aperfeiçoar suas técnicas de ensino, modificando hábitos e estratégias.

Neste ínterim, os estudantes foram incentivados a fazer reflexões individuais sobre seus estilos de aprendizagem, adaptando suas rotinas com base no autoconhecimento adquirido durante a roda de conversa. Ademais, para favorecer esse processo, a bolsista e autora da presente proposta pedagógica realizou uma explanação sobre as principais características e aplicações de cada estilo de aprendizagem.

REFERENCIAL TEÓRICO

Este artigo descreve a realização de uma atividade dentro da instituição, que consiste em uma apresentação na plataforma Canva, utilizando materiais audiovisuais em língua inglesa e perguntas previamente formuladas. O objetivo foi sondar como os alunos aprendem, conscientizá-los sobre as diversas formas de aprendizagem e destacar a importância de os professores reconhecerem essa pluralidade, com base nas competências 6 e 8 da BNCC, que enfatizam a necessidade de autoconhecimento dos discentes. Assim, a atividade fundamenta-se em aspectos essenciais tanto para os alunos quanto para a prática docente, pois a falta de autoconhecimento pode dificultar a compreensão dos alunos pelos professores,





comprometendo a eficácia do processo educativo.

A partir disso, o referencial teórico parte da constatação de que a aprendizagem resulta da ação do aprendiz (WEISZ, 2000). Essa perspectiva orienta o ensino de línguas em escolas públicas, auxiliando os docentes a identificar os elementos que de fato impulsionam o aprendizado dos estudantes.

Ao considerar a Zona de Desenvolvimento Proximal, proposta por Lev Vygotsky (2007), observa-se que o incentivo de um agente estimulante, como o professor, é crucial para que os discentes se sintam capazes de realizar a leitura e interpretação do exercício. De tal modo, evidenciando que, embora compreendam a linguagem estrangeira, no caso em específico, o inglês, muitos alunos têm aversão à ideia de estarem incorretos. Assim, a questão central reside no reconhecimento por parte dos estudantes de sua atuação como determinante no ambiente escolar, o que contribui para sua efetiva autonomia.

Com a questão central identificada, a autora se pergunta como prosseguir. Weisz (2000) afirma que é necessário primeiro reconhecer o que merece ser aprendido e, em seguida, construir estratégias a partir do conhecimento prévio para alcançar novos conhecimentos. Ao submeter os estudantes ao estudo da língua estrangeira, o trabalho de letramento linguístico deve ser integrado à metodologia do docente. O letramento, segundo Paulo Freire (1981), é um processo que envolve a capacidade de ler e escrever de forma crítica e contextualizada, sendo um ato de leitura do mundo e da palavra. Magda Soares (2003) completa que alfabetização e letramento são processos interdependentes, mas distintos, ressaltando a importância do letramento para a formação de indivíduos críticos e participativos na sociedade.

O letramento no ensino da língua estrangeira refere-se à interpretação e escrita crítica, evidenciando a realidade sociocultural dos discentes, e pesquisas indicam que a adoção de abordagens críticas e reflexivas pode melhorar o processo de aprendizagem, apesar das dificuldades enfrentadas, como a formação de professores e a qualidade de materiais didáticos. A prática do letramento crítico promove uma reflexão a partir da língua e cultura a ser estudada, auxiliando no desenvolvimento de uma consciência analítica sobre a importância do estudo do idioma e como isso pode contribuir para seu crescimento individual. No contexto do ensino de língua estrangeira nas escolas públicas do Brasil, o letramento crítico transcende a limitar-se apenas à aquisição de vocabulário e estruturas gramaticais, integrando competência linguística e práticas sociais.

Para desenvolver uma estratégia de ensino eficaz que se adeque a atual realidade estudantil, pesquisas de campo (TFOUNI, 2019; ASSUNÇÃO, 2021) sugerem a análise de





postagens estrangeiras, redes sociais e a tradução colaborativa de músicas como soluções educacionais viáveis.

Dessa forma, é essencial criar caminhos coerentes para o conhecimento desejado pelos estudantes, utilizando abordagens como o trabalho com múltiplas inteligências, diferentes formas de aprender e objetivos individuais da turma como referencial. Em suma, é fundamental considerar o conhecimento como um processo global e contínuo, incorporando desde manifestações populares e marginais até as eruditas, para que os discentes possam enxergar a utilidade do que almejam alcançar.

A aplicação da PNL em sala de aula

O processo de aprendizagem não é uniforme; portanto, cada estudante deve responder aos estímulos educacionais conforme seu perfil sensorial. A PNL oferece três sistemas representacionais predominantes — visual, auditivo ou cinestésico — que permitem distinguir cada indivíduo por meio de suas habilidades e comportamentos frequentes.

Para tanto, perguntas como “Como prefere aprender algo novo?”, “O que costuma fazer para relaxar?”, “Em um grupo, por quais características você se destaca?” tiveram papel essencial no estímulo à autorreflexão dos alunos. A cada pergunta, os alunos deveriam assinalar uma entre três alternativas, cada uma correspondente a um dos estilos de aprendizagem identificados pela PNL.

Após 20 perguntas realizadas no questionário, os discentes deveriam somar suas respostas e identificar seu estilo predominante: marcações majoritárias na alternativa “A” indicavam o perfil visual; “B”, auditivo; e “C”, cinestésico.

Posteriormente, a partir de um debate em sala e com intervenções da professora, foi possível analisar as práticas que cada aluno poderia adotar de acordo com suas características pessoais para, dessa forma, melhorar seus estudos em uma língua estrangeira. A título de exemplo, alunos visuais aprendem com mais eficácia uma língua nova ao ver imagens e vídeos que usem vocabulário e temas de seu interesse; os auditivos assimilam melhor ao ouvir palestras em inglês e podcasts em inglês; e os cinestésicos demonstram maior retenção ao vivenciar experiências práticas, como passeios, viagens ou ambientes onde o idioma esteja presente de forma natural.

A prática reforçou a importância de os docentes diversificarem suas metodologias, a fim de contemplar diferentes perfis e promover um ensino mais inclusivo e mobilizador. A aplicação da Programação Neurolinguística em sala de aula, por conseguinte, revelou-se eficaz ao unir teoria e prática de maneira personalizada, respeitando as particularidades de



cada estudante.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise da aplicação da atividade dentro do ambiente escolar, bem como da metodologia e de seu embasamento teórico, foram organizados os resultados observados durante e após a prática pedagógica. Por meio da resolução do exercício, os estudantes puderam descobrir seu estilo de aprendizagem com base nos sistemas representacionais da PNL — visual, auditivo ou cinestésico —, e como podem utilizar essa descoberta para aprimorar-se pessoalmente e tornar seu processo de aprendizagem mais eficiente e alinhado às suas características individuais.

Ao longo da execução da atividade, obtiveram-se resultados diversos: alguns alunos apresentaram empate entre dois dos estilos de aprendizagem, outros adquiriram um resultado diferente do esperado, ou apenas se surpreenderam ao perceber que suas respostas variaram ao longo da tarefa. Em suma, as reações foram positivas e os discentes, de modo geral, se mostraram engajados e participativos. Ademais, durante uma roda de conversa proposta para discutir os resultados obtidos e incentivar os estudantes a exporem seu ponto de vista sobre eles, debateram seus próprios resultados, bem como os dos colegas.

Consequentemente, a aula impactou os estudantes de forma satisfatória. Os alunos se mostraram mais motivados após a realização do teste e mais confiantes em relação aos seus estudos. Houve um impacto direto na autoestima dos adolescentes participantes. Desta forma, evidenciou-se que o maior desafio relatado pelos discentes foi identificar com clareza seu estilo de aprendizagem, dado que alguns dos questionamentos eram mais complexos que os demais.

À vista do exposto, conclui-se que a PNL atua de forma efetiva na melhoria do processo de aprendizagem do indivíduo ao oferecer técnicas que auxiliam no gerenciamento de emoções, no aumento da motivação e na retenção de informações de forma duradoura e significativa. Infere-se, pois, que a PNL promove uma abordagem mais eficaz e prazerosa, utilizando estratégias como visualização e ancoragem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS





A experiência no PIBID revelou que, mesmo em contextos marcados por tempo limitado e plataformas inadequadas, é possível promover aprendizagens significativas com o uso de metodologias ativas. A escuta atenta, o planejamento sensível às realidades dos estudantes e o reconhecimento da diversidade de estilos de aprendizagem mostraram-se estratégias fundamentais para garantir um ensino mais justo, eficaz e motivador.

Formar cidadãos críticos e protagonistas exige que a escola valorize seus repertórios culturais e pessoais, adotando métodos que respeitem sua autonomia e que estimulem o desejo de aprender. A transformação da sala de aula começa por reconhecer que todo aluno é capaz de aprender — mas não da mesma forma, no mesmo ritmo, nem pelos mesmos caminhos.

REFERÊNCIAS

- AUSUBEL, David Paul. Psicologia educacional: um ponto de vista cognitivo. 4. ed. Rio de Janeiro: Interamericana, 2003.
- BANDLER, Richard; GRINDER, John. Sapos em Príncipes. 1. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1979.
- BANDLER, Richard; GRINDER, John. Usando sua mente. Rio de Janeiro: Nova Era, 1985.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Estrangeira. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CANVA. Plataforma de design gráfico online. Disponível em: <https://www.canva.com>. Acesso em: 27 jun. 2025.
- EDMUNDO, Eliana. Letramento crítico no ensino de inglês na escola pública. [S.l.: s.n.], [s.d.].
- FLEMING, Neil; MILLS, Charles. Not another inventory, rather a catalyst for reflection. To Improve the Academy, v. 11, n. 1, p. 137–155, 1992.
- FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? São Paulo: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GOULART, Cecília M. A. O conceito de letramento em questão: por uma perspectiva discursiva da alfabetização. [S.l.: s.n.], [s.d.].
- HO-TTECKE, Dietmar. A natureza empírica das ciências naturais e seu papel na educação





científica. In: SCHNETZLER, R.; BARBOSA, J. A. (Org.). Ciência, tecnologia e sociedade: formação de professores. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000. p. 103–122.

JOSÉ, Basílio José Augusto. Comparando os estilos de aprendizagem e de ensino nas aulas de física de duas escolas secundárias na cidade da Beira em Moçambique. Revista do Professor de Física, v. 9, n. 1, p. 183–192, 10 jan. 2025.

KLEIMAN, Angela B. Os significados do letramento. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KLEIMAN, Ângela B. Letramento digital e ensino de línguas. [S.l.: s.n.], [s.d.].

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MONTESORI, Maria. A criança. 12. ed. São Paulo: Editora Record, 2000.

MONTESORI, Maria. A educação e a paz. Campinas: Papirus, 2023. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 26 jun. 2025.

RIVERS, Wilga M. Teaching foreign-language skills. Chicago: University of Chicago Press, 1973.

SAE DIGITAL. O que é letramento? Disponível em: <https://sae.digital/blog/o-que-e-letramento>. Acesso em: 27 jun. 2025.

SOARES, Magda. Novos paradigmas do letramento escolar. [S.l.]: [s.n.], [s.d.].

SOUZA, Aguida Pereira de et al. Letramento escolar: ultrapassando os muros da escola. Revista Educação Pública. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br>. Acesso em: 27 jun. 2025.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WEISZ, Telma. O diálogo entre o ensino e a aprendizagem. São Paulo: Ática, 2000.

